



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS TRADUÇÃO ESPANHOL

MYRLENNE APARECIDA RIBEIRO

HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NA ESPANHA: REFLEXÃO E PRÁTICA

Brasília - DF
2014

MYRLENNE APARECIDA RIBEIRO

HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NA ESPANHA: REFLEXÃO E PRÁTICA

Monografia apresentada ao Curso de Letras tradução espanhol da Universidade de Brasília para obtenção de grau de Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. Luís Carlos Ramos Nogueira

Brasília - DF
2014

MYRLENNE APARECIDA RIBEIRO

Folha de Aprovação:

HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NA ESPANHA: REFLEXÃO E PRÁTICA

Monografia apresentada ao Curso de Letras tradução espanhol da Universidade de Brasília para obtenção de grau de Bacharel em Tradução.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Lucie Josephe de Lannoy

Prof.^a Marta Ingrith Molina Cabrera

Prof. Luis Carlos Ramos Nogueira
(Orientador)

À Deus, pela dádiva do conhecimento, fonte de todos os dons.
Aos professores e alunos do curso de Letras Tradução Espanhol.
À minha família pelo amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, de modo especial, a colaboração inestimável do professor e orientador Luís Carlos Ramos Nogueira, que com sua dedicação e carinho, sempre esteve disponível a contribuir e dividir seus conhecimentos, além de sempre dispor de sua orientação segura. Seu papel foi fundamental para a elaboração desse trabalho.

A todos aqueles, professores e companheiros, do curso de Letras Tradução Espanhol, que com muito carinho e amizade, direta ou indiretamente, estimularam minha caminhada. Em especial às colegas Alessandra Cunha, Larissa Vidal e Léia Nayr pela parceria e amizade durante a nossa caminhada rumo ao ofício de futuras tradutoras.

“Los textos perviven, perviven a través de otros textos, en una cadena de correlatos que sostiene la identidad, la individual y la colectiva. Las lecciones de nuestros antepasados generan las de nuestros contemporáneos, y generarán las nuestras —eso creyeron los humanistas y eso creemos nosotros, aún, hoy día— las lecciones de nuestros herederos.”

José Francisco Ruiz Casanova, 2009.

RESUMO

A subárea da história da tradução conta já com um número considerável de pesquisas e vem se consolidando a partir dos anos 70 e 80. Num primeiro momento nosso objetivo visa acrescentar sua contribuição a esses estudos ao analisar a intensa relação entre tradução e a indiscutível necessidade de se estudar a sua história. Nessa perspectiva, o presente trabalho, requisito para a conclusão do curso de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol, da Universidade de Brasília, consiste na tradução para o português do Brasil do texto *Aproximación a una historia de la traducción en España*, de José Francisco Ruiz Casanova, publicado pela editora Cátedra. Para tanto identifica os problemas e dificuldades possíveis no processo tradutório dos textos de natureza acadêmica e utiliza as teorias da tradução para as correspondentes soluções. Trata-se de uma obra inspirada nos vários anos de experiência do autor, com o fim de apresentar um panorama de toda a evolução da tradução na Espanha. Além da tradução em si, este trabalho nos possibilita refletir teoricamente sobre os conflitos do fazer tradutório, favorecidos e reforçados pelas teorias, por meio da elaboração de um relatório no qual é possível constatar a riqueza e a importância de se estudar a história da tradução com foco na região espanhola. O fato de se tratar do par linguístico espanhol/português estabelece um vínculo direto com as necessidades dos estudantes do curso, em cujo âmbito se desenvolve.

Palavras – chave: tradução; estudos da tradução; história da tradução; teoria.

RESUMEN

La subárea de la historia de la traducción cuenta ya con un número considerable de pesquisas y viene consolidándose a partir de los años 70 y 80. En un primer momento nuestro objetivo apunta acrecentar su contribución a este estudio al analizar la intensa relación entre traducción y la indiscutible necesidad de estudiar su historia. En esta perspectiva, el presente trabajo, requisito para la conclusión del curso de *Bacharel em Letras/Tradução Espanhol*, de la *Universidade de Brasília*, consiste en la traducción para el portugués del Brasil del texto de José Francisco Ruiz Casanova, publicado por la editora Cátedra. Para tanto identifica los problemas y posibles dificultades en el proceso traductor de los textos de naturaleza académica y utiliza las teorías de la traducción para sus correspondientes soluciones. Se trata de una obra inspirada en los varios años de experiencias del autor, con el fin de presentar un panorama de toda la evolución de la traducción en España. Además de la traducción, este trabajo nos posibilita reflejar teóricamente sobre los conflictos del hacer traductor, favorecidos y reforzados por las teorías, por medio de la elaboración de un informe en el cual es posible constatar la riqueza y la importancia de estudiar la historia de la tradición con especial atención a la región española. El hecho de estudiar el par lingüístico español/ portugués establece un vínculo directo con las necesidades de los estudiantes del curso.

Palabras clave: traducción; estudios de la traducción; historia de la traducción; teoría.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. Apresentação	10
1.2. Justificativa e Objetivo	12
1.3. Metodologia	14
1.3.1 Seleção e apresentação da obra	14
1.3.2 Sobre o Autor.....	15
1.3.3 Procedimentos Metodológicos	16
2. ARCABOUÇO TEÓRICO.....	18
2.1. Evolução da tradução	19
2.2. Holmes: Uma mudança de paradigma	24
2.3. Funcionalismo.....	26
2.4. Tradução de textos técnicos científicos	28
2.5. Usos de Paratextos	31
2.6. Tradução: Contato entre línguas	32
3. ANÁLISE E REVISÃO DA TRADUÇÃO	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO

O ato de traduzir é, indiscutivelmente, uma atividade útil e necessária no que diz respeito à divulgação das culturas, bem como para a formação daquelas ainda tímidas em seu desenvolvimento. Nos dias atuais, não seria possível termos o conhecimento de gregos e romanos se não fosse por essa via; tampouco poderíamos deixar de considerar sua contribuição no campo do ensino e aprendizagem de línguas. Por vários séculos os tradutores foram elos indispensáveis na transmissão do conhecimento entre diversas sociedades separadas pelas barreiras linguísticas. Foi com o advento da tradução que os profissionais dessa área construíram verdadeiras “pontes” entre as nações. Hoje, os grandes e importantes textos adquiriram status universal, ligando raras culturas, continentes, passado, presente e futuro.

No entanto, mesmo sendo de tamanha importância, percebemos que há uma crença de que essa é uma atividade de fácil execução e possível a todos que tenham o conhecimento de uma língua estrangeira, o que torna o trabalho do profissional da área mal remunerado e de pouco prestígio, principalmente ao se tratando de línguas próximas, como é o caso do português e do espanhol.

Não considerada nem ciência nem arte, essa atividade é capaz de “transportar” ideias e pensamentos, apesar de muito se falar em intraduzibilidade entre os teóricos dessa área. Não apenas isso. É capaz ainda de fazer evoluir e desenvolver a própria língua. Sobre essa questão Lefevere (1992, p.112.), afirma que “As traduções bem-feitas são o meio mais rápido e mais seguro de enriquecer as línguas”.

Pierre François Caillé, presidente fundador da Federação Internacional de Tradutores (FIT), afirma que a tarefa do tradutor é “transformar as traduções em instrumentos de humanização”. Ainda no artigo 6º do estatuto, a FIT declara que a responsabilidade do profissional da tradução é “ajudar na difusão da cultura por todo o mundo”. Para o presidente, os tradutores são “soldados solidários” imersos na multidão de ideias, e culturas, servindo

como ponte e transmitindo certa mensagem de um lado para outro, sendo muitas vezes “agentes de transformação”, de mudanças sociais e ideológicas.

Diante desse fato, podemos constatar que a tradução jamais poderá ser separada do progresso, esse que conseqüentemente deverá ser estudado e relatado para o futuro. O conhecimento, mesmo que mínimo da história se faz importante para que a sociedade crie referências, resgate aspectos culturais, entenda seu processo de desenvolvimento, compreenda seu presente e previna o futuro, e, principalmente, desenvolva uma identidade. Elaborar uma história da tradução, portanto, significa trazer à luz o porquê de traduzir determinada obra e extrair lições para o presente e para o futuro, negando os caminhos percorridos e indesejáveis e mostrando as glórias e certezas.

Em outra análise, a tradução adquire uma função que vai mais além, um caminho de exploração do conhecimento do outro. Nessa perspectiva expansionista, ganham, sem dúvida, os dois lados: a cultura do texto original pela oportunidade de difundir sua língua, suas tradições e sua arte, e aquela que recebe tais informações por enriquecer seu próprio sistema cultural, ao se tornar receptora do outro.

Ainda assim, mesmo com o contato diário dos estudantes e de milhões de pessoas que leem e escutam traduções, direta ou indiretamente, a tradução ainda é escassa de divulgações teórica, inclusive nas universidades. Isso acontece porque a princípio consideravam o texto original superior ao texto traduzido. Outro fator que influenciou o tardio estudo histórico da tradução é o fato da tradução ser considerada uma atividade meramente prática, na qual qualquer falante bilíngue conseguiria realizar tal atividade. Para García Yebra (1983), um dos fatores que levam ao descaso da teoria na atividade tradutora se dá pelo simples fato de que a prática, ou arte, é superior à teoria. Aliada a esse fato, há ainda a crença popular de que para traduzir bem é preciso apenas a prática, acompanhada do dom de traduzir.

Entretanto, não seria recomendável a dissociação entre a teoria e a prática. Se por um lado, é na prática que surgem os problemas reais da tradução; por outro lado, é na formulação da teoria que será possível a prevenção de certos problemas no processo tradutório. Além do mais, um profissional de qualquer área, seja ela qual for, só pode ser considerado como tal a partir do momento em que é capaz de argumentar e defender seu próprio trabalho, com base em estudos formais, reconhecidos cientificamente.

Por todos esses motivos expostos, estudar a história da tradução é oferecer ao tradutor em formação a oportunidade de acompanhar as mudanças de paradigma ocorridas ao longo dos anos, além de torná-lo mais consciente do papel que deverá desenvolver em seu ofício. Segundo Van Hoff (1991), estudar a história da tradução corresponderia a reescrever a história do mundo, a história da civilização.

Para Thiago Estevão (2012 p.1):

A história da tradução proporciona ao tradutor adaptar suas ideias a novas maneiras de pensar e reconciliar o passado com o presente, e revelam as semelhanças e divergências existentes entre as tradições de pensamento. Além do mais, a história da tradução permite-nos conhecer os grandes tradutores do passado e as razões que os levaram a traduzir certa obra. Essa possibilidade de recorrer a modelos e teorias passadas, permite ao tradutor seguir estratégias de tradução e também desenvolver outras.

Tendo como referência as recomendações de Lieven D'hulst (2010; págs.1-10; apud Martins, M; Milton, J.), podemos citar quatro razões fundamentais para valorizar os estudos historiográficos sobre a tradução, a saber: “1) a história abre os olhos do estudioso da tradução e expande seus conhecimentos; 2) a história fornece ao estudioso uma flexibilidade intelectual para adaptar suas ideias a novos pontos de vista; 3) o conhecimento da história da tradução impede que o estudioso siga cegamente uma única teoria, fechando-se, assim, a outras; 4) o conhecimento da história da tradução demonstra os relacionamentos subjacentes entre práticas e abordagens”.

Tendo em consideração todos esses ideais e a importância de se estudar a história da tradução, este trabalho apresenta uma proposta de tradução da obra “*Aproximación a una historia de la traducción en España*” do autor José Francisco Ruiz Casanova. Em sua obra o autor desenvolve uma narração na qual explica o desenvolvimento e a extensão da tradução no âmbito da língua espanhola. É importante ressaltar que o objetivo dessa “*aproximación*” é, também, convertê-la num utensílio de trabalho e estudo para os alunos de tradução, além daqueles interessados nesse ramo.

1.2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Traduzir é uma atividade que existe desde tempos muito remotos. Não se sabe quando foi realizada a primeira tradução, mas certamente derivou de necessidades reais, sempre que povos, culturas e línguas diferentes estiveram em contato. Até então, a tradução possuía uma característica meramente oral, uma atividade prática pertencente ao cotidiano das pessoas. Naquele momento não existia a necessidade de se registrar academicamente esse

fazer tradutório, assim como afirma Santoyo (1999). essa necessidade se relacionava diretamente com a comunicação imediata entre indivíduos ou comunidades de línguas distintas que mantinham estreita relação com o comércio, política, invasões e guerras. Sempre com um caráter prático, não didático.

Apesar de podermos contar com alguns nomes nacionais e internacionais que se ocuparam de traçar uma evolução histórica da atividade da tradução, tais como Arrojo (1993), Furlan (2005), Basnett (2003), Albir (2001) e Steiner (2005), acreditamos que qualquer informação que possamos agregar a esses conhecimentos já adquiridos é, no mínimo, um acréscimo muito bem vindo.

Logo, percebemos que traduzir um texto que trate sobre a evolução dos estudos da tradução especificamente na Espanha seria uma maneira de oferecer ao ambiente universitário, especialmente aos alunos do curso de Letras Tradução Espanhol, além dos demais interessados na área, uma complementação mais setorizada aos estudos já existentes. Nessa perspectiva, a própria tradução que nós propomos a realizar poderia vir a agregar aos estudos gerais e às teorias da tradução uma contribuição e complementação àqueles amplamente divulgados e catalogados pelos autores citados anteriormente, os quais utilizamos em nosso arcabouço teórico.

Assim, o objetivo principal deste trabalho é traduzir para o português a obra “*Aproximación a una historia de la traducción en España*” de José Francisco Ruiz Casanova, enfrentando as dificuldades próprias de um texto acadêmico.

Para uma melhor compreensão de nossos objetivos, julgamos necessário seu desdobramento em outros específicos, a saber:

a) Oferecer aos leitores, com a tradução desse trabalho, a leitura e compreensão dos eventos da tradução ocorridos na Espanha, no século XX, período de grande formação dos estudos tradutórios e de teorias nessa área;

b) Oferecer aos leitores brasileiros uma espécie de “oficina” de tradução na qual possam comparar a tradução do texto original em língua espanhola com a tradução para o português do Brasil, acompanhando as dificuldades solucionadas com o apoio de algumas teorias;

c) elaborar um relatório no qual constem as dificuldades e as soluções encontradas, com base nas reflexões surgidas durante o percurso tradutório.

1.3. METODOLOGIA

1.3.1. SELEÇÃO E APRESENTAÇÃO DA OBRA

A obra, alvo de nosso interesse, é um trabalho do professor doutor José Francisco Ruiz Casanova. Nela o autor estabelece um diálogo entre a língua e a tradução, no qual caminham lado a lado a história e os eventos da tradução na Espanha.

Esse livro, assim como qualquer estudo de uma obra, deve ser analisado contemplando seu surgimento, seu desenvolvimento e sua extensão no âmbito de sua língua. Nesse caso em questão, a língua em destaque é a espanhola. A obra oferece uma evolução de registros, em ordem cronológica, de coleções e manifestações na área da tradução e do trabalho tradutório, acompanhadas de seus referentes linguísticos e literários, com o objetivo de sistematizar brevemente a contribuição da área de tradução na língua espanhola.

Vale registrar que essa obra nasce do resultado de uma experiência docente, dos longos anos de estudos sobre a tradução na Espanha, realizada pelo autor e que cresce principalmente nos anos 70, em consonância com a evolução da investigação sobre a língua e sobre a literatura. Trata-se de um trabalho alcançado por meio de anotações que servem para detectar a necessidade de compreender a história literária e da língua, apresentando uma especial atenção à tradução na Espanha, com especial atenção aos estudos do século XX, conhecido como “era da tradução”.

Para Casanova a tradução, a língua e a literatura são num conjunto três vertentes de um triângulo que com a palavra delimitam o que o mundo foi e é, uma versão do real e suas infinitas variações. Assim, a tradução pode ser considerada prova da capacidade de uma língua de acolher influências, registros, modos, formas ou temas de outras culturas ou línguas distintas.

Após a escolha da obra *Aproximación a una historia de la traducción en España*, seria necessário decidir quais tópicos seriam traduzidos, já que suas 600 páginas, não caberiam no formato reduzido de uma monografia de graduação. Primeiramente optamos pela “apresentação” e pelo capítulo referente ao século XX, pois o primeiro tópico explicita os objetivos do autor e o segundo mantém o foco nos acontecimentos do profícuo século XX, pela concentração de eventos e formulação de novas teorias para a área da tradução. Porém, a

impossibilidade de abordar todo o conteúdo da obra nos levou à estratégia de apresentar os objetivos do autor, manter o foco nos eventos do século XX e finalizar com as conclusões obtidas pelo autor. Dessa forma, acreditamos poder oferecer uma mostra representativa, a nosso ver, que sirva de estímulo para que o leitor continue suas leituras, tendo acesso enfim à publicação completa, caso seja de seu interesse.

Dessa maneira nosso trabalho mantém o seu foco na Introdução, no Capítulo 1 e nos tópicos: “História recente: algumas anotações e teses”, “Reflexões sobre a tradução no século XX” e “Posfácio”. Na primeira etapa o autor descreve os objetivos do livro e suas intenções. Já no capítulo 1 introduz o surgimento da tradução num âmbito geral, comentando sobre a tradução literária espanhola e sua finalidade. E, para finalizar, nos dois tópicos do último capítulo mostra como a tradução se desenvolveu no século XX, detalhando seus principais autores.

Acreditamos que a escolha destes trechos é capaz de proporcionar ao leitor uma noção sobre a história da tradução na Espanha e a importância da obra para os estudos da tradução, especialmente no que se refere ao século XX.

1.3.2 SOBRE O AUTOR

José Francisco Ruiz Casanova é um escritor espanhol e autor de vários ensaios sobre História da Tradução, Literatura Espanhola e Literatura Comparada. Nasceu em 1962 e atualmente é Professor Titular de Literatura Espanhola e História das Traduções na *Universitat Pompeu Fabra* (Barcelona).

Considerado, como um autor contemporâneo no âmbito da tradução, publicou livros de grande valor para os estudos tradutológicos. Entre suas maiores publicações encontramos *De poesía y traducción* (2005), *Dos cuestiones de literatura. Traducción y poesía. Exilio y traducción* (2011), entre outras, assim como a obra estudada por nós.

O que estimulou ainda mais o nosso trabalho foi que não encontramos nenhuma tradução de seus livros, muito menos no português,. Assim, acreditamos que podemos abrir espaço a novas tentativas de divulgação desse autor.

1.3.3. PROCEDIMENTOS

Após a seleção da obra a ser traduzida e sua análise, foi preciso realizar uma segunda leitura, dessa vez mais detalhada, com o objetivo de detectar os possíveis conflitos no processo tradutório e suas possíveis soluções.

Ainda na fase de leituras, procuramos realizar um levantamento das teorias que poderiam nos auxiliar na fundamentação teórica deste trabalho. Nossa busca de subsídio teórico contou com materiais disponíveis na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, do Nureh, sites (confiáveis) sobre tradução na internet, além do espaço virtual “Cajón de Sastre”, localizado na plataforma moodle, administrado pelo Prof. Luis Carlos Ramos Nogueira, do curso de Letras Tradução Espanhol, da UnB.

Identificadas as possíveis obras no âmbito da tradução que poderiam nos auxiliar em nossa Fundamentação teórica, partimos para o cerne desse trabalho que é a tradução efetiva do texto selecionado.

Podemos relatar que adotamos aqui as visões de Hurtado Albir (2001) ao afirmar que a tradução não é somente um “saber”, é sim, “um saber fazer”, isto é, resolver os problemas no decorrer das etapas do processo tradutório, “conhecimento operativo adquirido pela prática”. Para a autora, a tradução é um conhecimento do tipo “procedural” e “operativo”, adquirido principalmente pelo ato de traduzir. Tampouco podemos descartar o fato de que juntamente com a tradução surgem elementos de indiscutível importância como a cultura, público alvo, propósito da obra, contextualização, entre outros, que não poderão ser ignorados.

Portanto, ao longo do processo tradutório, entendemos que seria mais produtivo realizar anotações das dificuldades encontradas ao longo da tradução, para as posteriores soluções. Essa estratégia foi inspirada no método TAP (think aloud protocols), oriundo dos enfoques psicológicos da tradução, que em português significa “pensar alto”.

Cabe aqui explicar melhor o método utilizado na execução da tradução, que procura verbalizar os processos mentais no decorrer da tradução. Essa estratégia, TAP, trabalhada por Krings e Konigs (1986), também adotada pelo pesquisador brasileiro Fábio Alves (1996), consiste em uma estratégia que pode ser utilizada pelo tradutor que enquanto traduz grava um áudio relatando os acontecimentos ocorridos durante o ato de traduzir para que após essa atividade tradutória possa perceber os erros e consertá-los, sem que se

desprenda constantemente da tradução. O professor Fábio Alves, aponta que esse tipo de instrução, conscientização das etapas mentais durante o ato tradutório, é de muita utilidade para os tradutores, por abrir espaço para a tomada de decisões coerentes a partir de seus mecanismos cognitivos, assim, tomando ciência de como operar estrategicamente, os indivíduos teriam possibilidade de conduzir a tarefa com mais eficácia. A respeito deste método percebemos que ele faz observações à consciência na tradução, que deve ser despertada nos tradutores em formação, pois é exatamente a ausência desse elemento um dos principais fatores que levaram a tradução a receber essa falta de reconhecimento em anos anteriores.

Cabe ressaltar também que nesse trabalho não seguimos exatamente a proposta de TAP, aqui o áudio foi substituído e adaptado pela escrita. Durante o processo tradutório, todas as dificuldades, possíveis buscas e até incertezas tomaram a forma de anotações breves que foram utilizadas tanto para a elaboração do relatório apresentado no final deste trabalho, como para a definição do arcabouço teórico, além de se converter em ferramenta de trabalho, com vistas a aperfeiçoar a versão final da tradução. A utilização dessa adaptação funcionou, no nosso caso, como um guia para a tradução, servindo-nos para organizar as dificuldades e posteriormente resolvê-las. Dessa forma, acreditamos que essa estratégia nos possibilitou manter a fluidez da tradução, sem muitas interrupções, mas ao mesmo tempo, garantindo que as dificuldades não fossem esquecidas.

Realizada a tradução, corrigimos e analisamos as dificuldades encontradas e anotadas e, por fim, chegamos à última etapa da tradução que consiste numa revisão final minuciosa, corrigindo erros ortográficos, acentuação, além da substituição de alguns termos que julgamos desapropriados para algumas situações.

Ainda assim, vale recordar que os erros cometidos quando traduzimos no âmbito das línguas próximas, especialmente, quando se trata do português e do espanhol, é uma constante real e perigosa. Numa leitura rápida, passam facilmente despercebidos. Por esse motivo, todo cuidado na revisão parece não ser suficiente.

2. ARCABOUÇO TEÓRICO

Neste capítulo, pretendemos apresentar uma reflexão teórica que possa fundamentar de alguma maneira as escolhas realizadas no processo tradutório de trechos que consideramos relevantes na obra selecionada.

Para tanto, discorreremos brevemente sobre a evolução da tradução no ocidente, apresentando uma visão panorâmica de sua influência, processos e ideais defendidos no decorrer de sua história. Por uma questão de organização e pela necessidade de contemplar algumas fases que nos interessam particularmente, destacaremos especialmente: o surgimento dos estudos da tradução, como disciplina de fato, e o pensamento funcionalista, característica presente em nossa tradução. Tendo como ponto de partida o mapeamento realizado por James Holmes (1972), assim como seus estudos descritivistas, percebemos uma mudança no foco da tradução que visa a um acompanhamento do processo tradutório, com especial atenção ao contexto receptor do texto traduzido, em oposição ao que se praticava antes dessa mudança de paradigma. Dessa nova perspectiva nascem várias correntes de pensamento representadas por nomes como Nida, em relação à equivalência; Vermeer, Nord e Reiss, em relação ao Funcionalismo alemão, entre outros, também importantes para nossos estudos.

Será necessário ainda, observar a inegável necessidade de se conhecer o gênero da obra que escolhemos para traduzir, o texto técnico científico, que possui a função de oferecer uma linguagem clara, objetiva e formal. Ao nos valermos dos termos: “clara”, “objetiva” e “formal”, tentamos expressar nossa busca por uma linguagem na tradução que atenda às necessidades mínimas de um estudante universitário e que, ao mesmo tempo, seja capaz de manter um mínimo do tom erudito adotado por Casanova. Para tanto, será preciso ainda abordar a questão do contato de línguas, especialmente em nosso caso, por se tratar do par linguístico português/espanhol.

Ainda tendo como referência o texto acadêmico, encontramos a necessidade de tratar de outro grande desafio na tradução de Casanova, os paratextos e seu uso na tradução. Isso porque traduzir Casanova significa manipular, ao mesmo tempo, texto e notas de rodapé, sejam elas notas referenciais, explicativas, locativas, ou utilizadas para inserir um comentário.

2.1. EVOLUÇÃO DA TRADUÇÃO

Analisando brevemente as teorias aplicadas aos atos tradutórios, em cada período da história, a cada corrente intelectual, percebemos uma desigualdade de pensamentos. A importância de analisar esses pensamentos em determinadas épocas e em determinados locais é necessário visto que as ideias circulam e não há uma regularidade que as norteiem. A teoria, de um modo geral, trata determinada área de uma maneira lógica e racional. No caso da tradução não é diferente. É evidente que não há uma teoria geral que dê conta de todos os problemas da tradução, já que ao longo dos anos esse campo vem apresentando inúmeras contribuições, permitindo a utilização de novas técnicas, de novos planejamentos, novos recursos e, sobretudo, formando tradutores eficientes, conscientes, e qualificados.

Diante da necessidade de estudarmos história, sempre que se inicie um estudo é preciso ter um referencial. Ao tratarmos da história da tradução, manteremos aqui o foco na tradução no mundo ocidental.

No decorrer da nossa pesquisa percebemos que gradualmente os objetos dos estudos da tradução foram sofrendo mudanças. Na atualidade, o principal aspecto a ser percebido pelo profissional da tradução é o seu caráter comunicativo. Desse modo, é preciso ter em conta onde o texto traduzido será inserido, a cultura que o receberá e as necessidades do leitor final. Não podemos negar, contudo, que paralelamente há outras questões que vem sendo discutidas, como os temas de cunho hermenêutico-filosóficos, tais como a (in)visibilidade do tradutor, primazia dos aspectos literários, ética e status da tradução. Essas questões são o foco dos estudos de nomes como Venuti (1995), Meschonic (2010), Berman (2007) e Derrida (2002).

Até chegarmos a esse caráter comunicativo desenvolvido pelos teóricos, inseriremos aqui os primeiros passos da tradução. Desse modo é preciso mencionar a figura de Cícero, na antiga Roma, onde teve origem uma discussão que por muito tempo esteve presente entre os tradutores: ser fiel às palavras do texto ou ao pensamento contido nele?

Entretanto, é no período das traduções da Bíblia, onde a igreja tendo como objetivo a ampla difusão do cristianismo, através da disseminação da palavra de Deus, que a atividade viu a necessidade de ser reconhecida. Com o intuito de divulgar os dogmas religiosos a quantidade de traduções começaram a aumentar desenvolvendo técnicas e teorias, ainda que rudimentares sobre o tema. Era o início das traduções escritas.

Por anos o questionamento da fidelidade da tradução ao original foi motivo de discussão entre aqueles que se encontravam envolvidos nessa tarefa. Para os defensores desse ideal o texto traduzido deve ser um transporte de passagem, sem contaminação, de uma língua para outra. Se o tradutor não fosse fiel, a tradução era considerada como traição ao original, sofrendo perdas e contaminações.

Foi na busca de sistematização das teorias da tradução, na tentativa de atingir as expectativas da tríplice relação autor/tradutor/leitor que brotaram as diferentes visões do fazer tradutório. Surgiu, então, o requisito de fidelidade, já que nessa perspectiva a tradução já não era apenas uma ação onde o produtor devesse somente traduzir a palavra. Deveria ser inserido também tudo o que o autor pretendia repassar, seus ideais, sua estética. A tradução pretendia ir além dos aspectos linguísticos. Para alguns autores é nesse contexto que a tradução se inicia.

Para elaborarmos nossa periodização da tradução no mundo ocidental, tomaremos como base o percurso desenvolvido por George Steiner (2005). Em “Depois de Babel”, segundo ele, a história da tradução pode ser dividida em quatro etapas. O primeiro período, meramente empírico, abarcaria desde Cícero (46 a.C) até Friedrich Holderlin. Já o segundo estaria voltado para as teorias e as investigações hermenêuticas, dando à tradução um aspecto mais filosófico. O terceiro seria dedicado às correntes modernas, no qual o tradutor é visto como uma máquina, período que abrangeria a tradução automática. Finalmente, porém não definido especificamente, encontraríamos o quarto período, situado por volta da década de 60, que seria o retorno dos estudos hermenêuticos, agora, com um carácter interpretativo, preocupando-se com o processo de traduzir, o produto e a competência tradutória, tornando a tradução uma ação de comunicação.

Faz-se necessário, porém, esclarecer que o esquema de Steiner é, na verdade, uma divisão dos pontos cruciais sucedidos no decorrer dos séculos no âmbito do estudo da tradução, já que nos parece impossível a compartimentalização dos eventos da tradução em blocos que começam e terminam numa data específica. Contudo, decidimos usá-lo como forma de sistematizar nossos estudos, que somados às caracterizações feitas por Hurtado (2008), pudéssemos formular um arcabouço teórico estruturado e compreensível aos nossos leitores.

Segundo a divisão histórica feita por Steiner, o primeiro momento crítico da tradução se enquadraria nas reflexões das traduções gregas ao latim, isso porque, neste

momento as traduções eram basicamente trabalhos de escritura, sendo uma etapa puramente empírica. Importante salientar que os povos romanos não necessariamente dependiam das traduções realizadas do grego, pois sua sociedade culta era bilíngue, e falavam ambas as línguas. Essa curiosidade serve para nos revelar que a importância de realizar esses trabalhos era conhecer o domínio científico do outro, das criações literárias, e principalmente, do enriquecimento da própria língua, edificando a própria literatura.

Nessa época, a literatura nascia da tradução, o que gerava grande quantidade de obras publicadas, contudo, nesse período há poucos escritos sobre as reflexões práticas de tradução. Dois nomes dentre os maiores escritores romanos foram Cícero e Horácio, autores que defendiam a liberdade na tradução. Segundo Cícero, a função do tradutor era disseminar a sabedoria, realizando-a mediante a tradução. Neste momento percebemos duas formas de tradução, a palavra por palavra ou a tradução criativa ou retórica.

Contudo, na Idade Média, percebemos uma mudança na concepção do que seria a prática de tradução. Isso porque, com o fim do Império Romano e com a ascensão do cristianismo a tradução se tornara de grande utilidade para que a igreja pudesse divulgar os princípios, dogmas e ensinamentos católicos. É uma época de diferenciação entre as traduções sacras e as profanas, cuja liberdade defendida, no âmbito da tradução romana, já não era mais aceita.

É a partir do século XIV, que percebemos algumas mudanças significativas na maneira de traduzir. Com as guerras religiosas a tradução tinha como principal objetivo evangelizar a população e servir de arma entre os conflitos religiosos e políticos. Ao tradutor não caberia apenas transmitir a palavra de Deus, seu trabalho ia além, ele também devia permitir que a população entendesse os ensinamentos tornando o texto compreensível aos olhos dos leigos. Nesse momento, o tradutor influenciado pelo desejo de transmitir os dogmas religiosos, começou a possuir uma maior liberdade, desde que transmitisse os mesmos ideais. Conseqüentemente essa nova visão de tradução e do papel tradutório trouxe mudanças nos séculos seguintes: aumenta a quantidade de traduções e surgem ainda as traduções para o vernáculo. Esses dois fatores impulsionam a tradução a se desenvolver como disciplina.

Nessa primeira periodização enquadra-se, por último, o autor Friedrich Holderlin, que direcionava o tradutor a produzir um texto que não estivesse submetido aos ideais da antiguidade, visto que, existem diferenças entre os princípios da antiguidade e os da época moderna. Segundo ele essa postura deveria ser tomada, pois o autor e o tradutor estariam

separados temporalmente. Isso os levaria a terem diferentes visões e distintas formas de compreender como o texto se articula com seu meio. Instaure-se a tentativa de formular uma tradução que seja familiar ao leitor, característica própria da modernidade. Diante do resultado que a tradução pode propor em ambos os idiomas, leitores e culturas, percebemos que o tradutor não assume mais a posição de escravo do autor e do texto original. Nesse período histórico busca-se exaltar a sua própria língua e cultura. Atualizava o texto original, com a possibilidade de melhorar o texto final valendo-se de omissões, adições ou até alterações, para poder repassar o significado original. Imerso nesses novos ideais surge por conseguinte o segundo período da tradução.

Já o segundo período, definido por Steiner (2005), é marcado pela aparição das teorias relativas às investigações hermenêuticas, onde o ato de traduzir adquire uma renovada visão da filosofia da linguagem. Na perspectiva hermenêutica, o tradutor é um mediador, onde explica, narra, descreve, ou seja, traduz determinado texto. Aqui o tradutor procura esclarecer aquilo que complica a compreensão do texto, buscando autenticidade do seu significado no original. Na busca pela melhor, e mais correta forma de traduzir, neste momento criam-se algumas regras da tradução.

No século XVIII, temos um destaque na publicação do livro de Alexander Tytler (1772), *Essay on the principles of translation*, no qual o autor apresenta três princípios fundamentais pelos quais as traduções devem ser realizadas e avaliadas. São eles: “1) a tradução deve consistir na transcrição completa das ideias do texto original; 2) o estilo da tradução deve ser o mesmo do texto original; e, 3) o texto traduzido deve possuir a mesma fluidez do texto original”. Esses ideais foram denominados princípios tradutórios, baseados nas suas experiências como tradutor literário, e que impulsionaram tantos outros de seu período.

A terceira fase corresponde ao contexto moderno, onde o tradutor é visto como uma máquina. É nessa fase que surge a pesquisa acadêmica sobre o tema, gerando artigos sobre a tradução automática e a criação da disciplina tradutologia. Com o auge das traduções especializadas surgem os gêneros de tradução: tradução científica, técnica, jurídica, econômica, administrativa e etc. Surgem também as primeiras organizações profissionais e centros de formação dos tradutores, surgindo ainda uma revolução na tradução diante da sua real necessidade. Neste momento histórico, os estudos linguísticos da tradução, possuem maior visibilidade, iniciados por Humboldt que escreve ensaios sobre a natureza das línguas e

culturas. Os enfoques linguísticos, descritos neste momento, incidem na descrição e comparação entre as línguas.

Ao longo do século XIX, temos como ponto principal a reflexão à etnologia, como disciplina para explicar cientificamente a diversidade humana e a relação do homem e a sociedade, surgindo possíveis respostas às questões da cultura. Finalmente no século XX, “era da tradução”, percebe-se um aumento considerável de publicações de caráter teórico, principalmente pelo surgimento das variedades de ramos: traduções especializadas, tradução científica, técnica, jurídica, econômica e administrativa, não se restringindo somente à literal. É o auge da tradução. Um número grande de correntes e possibilidades dentro da tradução foi surgindo no século XIX e chegando ao auge no século XX. Com uma nova perspectiva de mundo: a tradução figura como parte do conhecimento e difusão da cultura.

Já na quarta etapa da periodização, temos o retorno dos aspectos hermenêuticos da tradução, onde a teoria e a prática convergem a um ponto: o aspecto comunicativo da tradução. Um aspecto importante também a se ressaltar neste período são as afirmações presentes na obra de Walter Benjamin (1923). Em “A Tarefa do Tradutor”, o teórico escreveu um texto traçando um novo paradigma sobre o ato de traduzir. Na célebre obra, destaca a ideia do “outro”, afirmando que a tradução não deve ser adaptada apenas ao público alvo. A partir de suas ideias a tradução deixa de ser uma atividade intralinguística, transformando-se em intercultural. Sua obra se torna um dos textos centrais do século XX.

Na década de 1960 e 1970, o foco recai sobre o conceito de equivalência. Sua análise está no ponto de vista lexical, estilístico e gramatical. Aqui, a tradução passa a ser um processo de busca de igualdade.

No final dos anos oitenta, surge a proposta dos polissistemas de Itamar Even Zohar, que tinham como intuito o debate sobre o impacto e o lugar ocupado pela tradução no sistema literário da cultura de chegada. Os anos oitenta foram as décadas da consolidação da disciplina “estudos da tradução”. Segundo Bassnett (2003), foi nesse período que a tradução começou a ser levada a sério, não sendo mais uma área de pesquisa de “importância secundária” e sem valor científico, agora acompanhado de um aumento em sua prática.

Nos anos noventa os “estudos da tradução” finalmente tornaram-se “de direito”, principalmente com a visibilidade da globalização, agora vista como ato fundamental do intercâmbio humano, como afirma Bassnett (2003):

A tradução tem um papel crucial a desempenhar ao contribuir para melhorar a compreensão de um mundo cada vez mais fragmentado. O tradutor, tal como referiu o especialista irlandês Michael Cronin, é também um viajante, alguém em viagem de uma fonte para outra. [...] É significativo que um dos principais desenvolvimentos nos estudos de tradução desde os anos setenta tenha sido a investigação em história da tradução, pois examinar o modo como a tradução ajudou a moldar o nosso conhecimento do mundo no passado deixa-nos mais bem equipados para moldar os nossos próprios futuros.

Ainda nos anos 90, os estudos da tradução, assumem o carácter institucional, com o aumento de livros sobre a tradução, programas de treinamento e formação académica. A expansão e desenvolvimento da disciplina marcam transformações que modelam a especialização académica, cujos estudos ganham características funcionalistas renovadoras.

Nesse novo paradigma a análise prescritivista da tradução é substituída pela descritivista. A atenção já não mais estava voltada para o produto, mas sim, para o processo. Já não deveria mais haver juízo de valor apontando os erros da tradução, mas sim, uma preocupação em acompanhar o fazer tradutório e as tomadas de decisões do tradutor. É sobre essa mudança de paradigma que trataremos na próxima sessão.

Antes, para finalizar nossa visita panorâmica pelos estudos da tradução, poderíamos dizer que assim como em outros países, no Brasil, os anos noventa foram o momento histórico em que começam as inserções e a visibilidade dos estudos da tradução no meio académico, não só na publicação maior na produção de trabalhos, mas também em textos mais elaborados e de maior extensão. Paralelamente ao seu aumento crescente, temos um aumento no advento do avanço tecnológico, cuja contribuição fez nascerem métodos pedagógicos eficientes e análises de estratégias de tradução mais especializadas, gerando um reconhecimento da importância sobre seu estudo. O avanço tecnológico serviu ainda para facilitar o trabalho do tradutor ao oferecer: melhores condições de armazenamento das informações, ferramentas de busca e consultas online (dicionários eletrônicos, sites específicos, etc.), além das memórias de tradução e dos tradutores automáticos.

2.2. HOLMES: UMA MUDANÇA DE PARADIGMA

A partir do trabalho de James Holmes (1972) estudioso que cunhou a expressão “estudos da tradução”, tivemos a oportunidade de compreender aquilo que se formava então como disciplina. As afirmações de Holmes repercutiram fortemente, ampliando o horizonte de pesquisa da tradução. Em seu trabalho, *The name and the nature of Translation Studies*, mostra a necessidade de desenvolver esteticamente a teoria formando, por conseguinte, os

estudos descritivos da tradução. Atualmente, essas obras são consideradas como uns dos textos centrais dessa área, sendo essencial para a comunidade científica desse ramo de estudo.

Com a publicação *The Name and Nature of Translation Studies*, o paradigma prescritivista vigente, voltado para o contexto de partida, com foco no produto, dá lugar a outro paradigma voltado para o contexto de chegada, que evita os juízos de valor, com foco no processo tradutório e na tentativa de compreender as diversas tomadas de decisão do tradutor. A preocupação com a contextualização da tradução envolve a aculturação e seus processos cognitivos. Significa dizer que a preocupação maior reside no “como” e “por que” de se traduzir determinado texto.

Mas, porque será que os “estudos da tradução”, assim nomeados por Holmes, até então não possuíam estudos especializados e a sua característica essencial? A resposta a esse questionamento pode ser, a nosso ver, respondida pelos ideais de Berman (1984, apud. Maria Emilia, pág.11), no seguinte trecho que preferimos reproduzir inteiramente:

Ora, apesar de numerosos tradutores terem escrito sobre seu trabalho, até o presente era inegável que a grande massa desses textos emanava de não-tradutores. A definição dos “problemas” da tradução era assumida por teóricos, filósofos, linguistas ou críticos. Resultaram disso pelo menos três consequências. Por um lado, a tradução permaneceu uma atividade subterrânea, oculta, porque ela não falava por si mesma. Por outro lado, ela ficou largamente “imprensada” como tal, porque os que dela tratavam tinham tendência a assimilá-la a outra coisa: à (sub-)literatura, à (sub-)crítica, à “linguística aplicada”. Enfim, as análises feitas quase exclusivamente por não-tradutores comportam fatalmente —quaisquer que sejam suas qualidades— numerosos “pontos cegos” e não pertinentes.

Dessa forma, até a metade do século XX, havia somente publicações aleatórias que apresentavam reflexões sobre o traduzir e a tradução, não como um aspecto especializado, mas somente espalhadas em campos diferentes (linguística aplicada, literatura comparada, entre outros.). Até aquele momento não constituía um conjunto de documentos agrupados num campo específico. Faltava, então, um campo de estudo que tivesse como objeto a investigação da tradução como campo de disciplina institucionalizado. É quando, finalmente, em 1972, James S. Holmes presenteia a área de tradução com o seu mapeamento dos “estudos da tradução”.

Alguma época após o surgimento dos estudos da tradução, “subcampos” foram surgindo em decorrência do mapeamento descrito por James Holmes. Inseriram novos elementos, como os elementos intersemióticos, o ofício de intérprete, os estudos terminológicos, os fraseológicos, entre outros foram surgindo. A partir do interesse pelas traduções literárias, os estudos da tradução tomam forma e atualmente é entendido como a

disciplina que abarca todo o âmbito da tradução, assim como a dublagem, legendagem e outras definições como, por exemplo, a tradução oral e a didático-pedagógica.

Nessa perspectiva, os estudos da tradução têm como um dos objetivos descrever o processo tradutório, estabelecendo princípios que conseguissem apresentar e explicar os fenômenos ocorridos em tal atividade. Surgem nesse momento os estudos descritivistas da tradução, detalhando suas funções na situação social receptora, voltada mais para o contexto do que para o próprio texto. Holmes explica que descrever, tanto a atividade quanto o produto da tradução deve ser conforme a manifestação do mundo e da experiência.

Assim, podemos perceber que o trabalho de Holmes teve grande importância no desenvolvimento da tradução. A repercussão de seus modelos levou à ampliação do horizonte de pesquisa que até então não tinha grande importância, tornando a tradução um objeto de estudo.

Outra corrente da tradução, gerada a partir dos estudos descritivos de Holmes foi a teoria dos polissistemas (já citada anteriormente). Essa teoria consiste em analisar determinada cultura como um grande sistema que se subdividem em polissistemas e se relacionam paralelamente entre si. A partir da teoria dos polissistemas pode-se afirmar que a mensagem a ser transmitida depende de um determinado sistema cultural, um sistema dinâmico e heterogêneo, com uma interação permanente em si.

Por fim, uma das correntes da tradução que, de certo modo, surgiu na esteira do novo paradigma proposto por Holmes e que interessa diretamente ao nosso trabalho foi o Funcionalismo Alemão. É sobre esse assunto que trataremos na próxima sessão.

2.3. FUNCIONALISMO

O funcionalismo é uma vertente constituída nos estudos tradutórios que oferece uma nova visão aos textos traduzidos: o ato de comunicação. Desvinculando-se dos ideais prescritivistas anteriores, essa corrente teórica, tem como intuito analisar a função do texto original e reproduzi-lo da melhor maneira para o leitor final. Seguir um ideal funcionalista, ser funcional na tradução, significa adotar a função comunicativa e sociocultural para que o texto mantenha a mesma intenção proposta pelo autor e seja acessível ao leitor final.

Com a nova perspectiva funcionalista, iniciada nos anos 80 e 90, o papel do tradutor se torna mais relevante, influenciado pela visão do leitor e do processo tradutório, ele

deve fazer da tradução uma “oferta de informação para o leitor final” (Nord, 1997, pág.26). A proposta dessa corrente surge em consequência da não aceitação das ideias saussurianas, voltadas para a arbitrariedade das equivalências e fidelidade do texto-fonte. Com o surgimento do funcionalismo, as traduções apresentam uma nova perspectiva comunicativa: estão necessariamente entrelaçadas ao contexto e à intenção do emissor.

É importante ressaltar que a intenção do autor é sempre a mesma, repassar a informação, porém jamais será atingida da mesma maneira, pois o receptor pensa, sente, observa e avalia o mundo em uma perspectiva individual, ou seja, o leitor não pensa e deduz da mesma maneira, pois tudo está relacionado às experiências pessoais geradas pelo contexto cultural particular de cada região.

Seguindo o modelo de Nord (1997), o funcionalismo atinge três aspectos na tradução, são eles: a intenção do autor, a função textual e os tipos de tradução. Relacionando os aspectos citados e tendo como referencial o modelo funcionalista, percebemos que ao traduzir o profissional, inicialmente, deve definir sua intenção e tentar durante todo o ato tradutório mantê-la, privilegiando o contexto em que o texto de chegada será recebido. Posteriormente, deve-se analisar a função do texto, muitas vezes definida pelo encargo, esse, que de fato é muito determinante para a função. E, por último, após definidos todos os outros elementos, a decisão do estilo da tradução será resultado da associação deles.

Para obter um resultado satisfatório o profissional deve acomodar na língua de destino os sentidos obtidos a partir da leitura e da compreensão vinculadas ao original, mostrando a importância da necessidade de interpretação, para se transmitir a mesma função e o mesmo significado do texto.

Sabemos que para chegar ao resultado ideal, transmitindo as intenções, pensamentos e expressões do autor, com a mesma intensidade, não é uma atividade fácil. Batteux (1861, pág. 91) confirma que:

Quando traduzimos, a grande dificuldade não é entender o pensamento do autor: habitualmente chegamos a ele com a ajuda das boas edições, dos comentários e, sobre tudo, examinando a sequência de pensamentos. Mas o quando se trata de apresentar em outra língua as coisas, os pensamentos, as expressões, os torneios, o tom geral da obra, os tons particulares do estilo nos poetas nos oradores, nos historiadores; as coisas tais como são, sem acrescentar nada, nem omitir, nem deslocar; os pensamentos nas suas diferentes cores, nos diferentes graus, nas suas particularidades. Os torneios que dão o sentido, o espírito, a vida ao discurso. As expressões naturais, figurada, fortes, ricas, graciosas, delicadas, etc; e o todo, segundo um modelo que comanda rigidamente e que quer que lhe obedecemos de modo aparentemente fácil — é evidentemente que precisamos, para traduzir bem,

senão do mesmo gênio, ao mesmo do mesmo gosto que é necessário para compor. Talvez é preciso até mais.

Seguindo a função, aqui definida por nós, assim como os objetivos de Casanova com o seu intuito de que o livro servisse de ferramenta auxiliar aos pesquisadores, alunos e interessados nessa área, constatamos que o texto possui elementos importantes que não deveríamos desprezar: as várias notas de rodapé, que são os paratextos usados pelo autor para situar o leitor num lugar, obra, autor, citações, teorias ou até mesmo fazendo comentários. Esses cuidados são, na verdade, uma característica própria do texto acadêmico, como é o caso do texto de Casanova. Esses aspectos conferem ao seu trabalho uma configuração de ferramenta auxiliar e também a torna uma obra consultiva, nos estudos da tradução, apresentando curiosidades e informações muitas vezes não vistas em outras obras. Por esses motivos, nossas próximas sessões serão dedicadas especialmente às questões do texto técnico-científico e dos paratextos.

2.4. TRADUÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS-CIENTÍFICOS

De um modo geral a tradução possui a característica de romper com as barreiras linguísticas existentes em duas culturas. A tradução de textos científicos, assim como em outros tipos, também possui essa característica. Entretanto, o tradutor dessa categoria deve se ater à objetividade na compreensão dos termos adotados, de modo claro e formal. Além da objetividade, outras características presentes na tradução desse gênero dependem da natureza do texto.

O texto dessa área geralmente apresentam um público especializado, que o procuram por questões de necessidade, ou interesse pessoal. O objetivo desse tipo de texto é descrever uma realidade e apresentar léxicos especializados de determinada área. Por possuir uma interpretação limitada, as principais dificuldades na tradução dos textos técnicos científicos se concentram nas denominações dos significados, que podem resultar na invenção de novos termos, usos de termos já consagrados nas traduções contemporâneas ou na literalidade, mostrando que a liberdade do tradutor é praticamente inexistente.

A necessidade, cada vez maior da tradução, principalmente dos textos técnico-científicos, é consequência da globalização e das relações internacionais que são cada vez mais ativas e mais vinculadas às ideias que estão em constantes movimentos. Diante disso, é perceptível a presença constante da tradução em todo o mundo, principalmente nos países mais desenvolvidos.

Uma característica muito comum nos textos técnicos e científicos são as utilizações de terminologias especializadas e que deve ser uma preocupação para o tradutor que trabalha com esse gênero. Segundo Ortiz Álvarez (2006), as características essenciais da língua especializada são: “caráter técnico; dependência da língua comum; presença de empréstimos; univocidade; a ausência de polissemia; sinonímia; conotação; e o caráter intralinguístico.” Assim, a tradução geralmente deve se ater à transposição exata dos termos.

Lembremos que o mais importante na tradução de termos técnico-científicos é que o tradutor não pode criar ou repassar uma mensagem da melhor forma que lhe cabe, pois muitas vezes trocando palavras e colocações já conhecidas pelo leitor o leve à confusão. Essa postura geralmente induz a uma tradução mais literal, uma vez que um tradutor prefere transmitir a mesma palavra. A reelaboração nesses textos muitas vezes se revela uma tarefa difícil, visto que em cada área existem grandes temáticas, estilos e caminhos a serem seguidos. Vale também recordar que para que o texto seja traduzido e aceito academicamente é necessário que o tradutor conheça as similaridades e diferenças possíveis no tema abordado naquele trabalho. É indicado também que o tradutor mantenha contato com algum especialista a fim de evitar interpretações errôneas.

Analisando especificamente o objeto de nossa tradução, percebemos que o texto é um trabalho técnico-científico-acadêmico. Desmembrando essa definição temos que os textos acadêmicos apresentam como características a finalidade de apresentar, demonstrar e difundir um conhecimento produzido, acumulado ou distribuído, dando publicidade ao processo do conhecimento. Por sua vez os textos e trabalho científicos explicam e enfocam um mundo conhecido, aprimorando o saber de uma forma especializada e minimalista. São baseados em estudos mais aprofundados, frutos de pesquisas e experiências e, possuem o intuito de contribuir com um avanço, fazendo uso de padrões formais de linguagem e termos técnicos.

Analisando as definições acima, somos obrigados a admitir que não vemos grandes diferenças entre um e outro. As características de textos técnico-científicos e acadêmicos acabam por se entrelaçar, já que ambos utilizam uma linguagem especializada, englobam terminologia e linguajar próprios, difundindo um conhecimento específico.

Conhecendo as características do objeto da nossa tradução depreendemos que se a tipologia do texto escolhido para o trabalho pertence a uma determinada área, por esse motivo, impõe ao seu autor determinadas regras a ser seguidas. Consequentemente o tratamento que devemos dar a nossa tradução também deverá sê-lo. Nesse caso para que a

tradução tenha uma boa aceitação, o profissional da tradução deve contar com, no mínimo, um conhecimento mínimo do tema, e ainda com uma ajuda constante de um profissional do ramo. Nos casos da tradução de texto técnico-científicos quanto maior o domínio do tema e das terminologias usadas na área, melhores serão os resultados.

Considerando que há uma gama variada de textos e áreas específicas do saber, entendemos que há uma grande dificuldade nas traduções dos textos técnicos científicos, haja vista que para traduzir um texto em determinada área é indicado que o profissional entenda do tema, se especialize e produza perfeitamente um texto técnico, já que produzir um texto de medicina não é o mesmo que produzir um texto de direito, ou de informática.

Em nosso caso, nosso trabalho trata da tradução de uma obra acadêmico-científica sobre a História da tradução na Espanha. Portanto realizaremos uma tradução não literária, o que nos leva a perceber, durante o processo de tradução, que esse tipo de tradução exige do profissional uma maior fidelidade informativa, não a fidelidade defendida pelos teóricos dos anos 30, mas sim no sentido que o repasse da informação deve ser fiel, um espelho do original. Muitos tradutores afirmam que a tradução de textos técnicos, ou não literários, são desprovidos de criatividade, opinião da qual discordamos, pois em todo o processo de tradução da Obra de Casanova encontramos diversos aspectos que nos levaram a lançar mão da criatividade e de do bom senso.

Qualquer tradução, seja ela literária ou técnica, traz suas peculiaridades e dificuldades, umas em número maior, outras em número menor. Isso decorre da existência de diferentes culturas e de estruturas linguísticas variadas. Na obra, objeto desse trabalho, percebemos que o discurso acadêmico do autor se caracteriza de uma maneira geral, por um registro erudito elevado, presentes em frases longas, que dificulta bastante a leitura e, conseqüentemente, a tradução.

Com toda atividade tradutora, percebemos que um bom tradutor deve ter amplo conhecimento do assunto que será abordado, principalmente nos textos técnicos científicos que necessitam de uma tradução objetiva e formal. Ao traduzir um texto técnico, com sua objetividade e termos específicos, o tradutor geralmente se vê obrigado a realizar uma tradução o mais próximo possível do original, muitas vezes orientando-se por uma tradução palavra por palavra.

Por fim, pode-se dizer que uma tradução desse gênero exige do tradutor um enorme trabalho de pesquisa e documentação, além de criar estratégias próprias para comunicar a mensagem original no contexto de chegada. No nosso caso específico, há ainda outra dificuldade que detectamos logo nos primeiros momentos. Trata-se do alto grau de uso de paratextos por parte de Casanova. Por esse motivo, entendemos que uma sessão sobre o assunto seria necessária.

2.5. USOS DE PARATEXTOS

Um dos aspectos que deve ser considerado durante o processo tradutório dos textos técnico-científicos, assim como foi no nosso caso ao traduzir a obra de Casanova, são as constantes referências e citações expressas no livro, muitas vezes tão incômoda ao leitor. Segundo a recomendação de Lyra (1998, p. 74) “Quanto menos tiver o leitor que desviar sua atenção do texto principal, da história que está sendo contada, melhor para a sua interação e intimidade” com a narrativa.

Geralmente os textos literários e obras de “investigação”, como obra traduzida, remetem a alusões de livros ou autores e, habitualmente se tornam fontes de consulta, tal como a obra de Casanova. Na tradução realizada, questionamos esse posicionamento (notas de rodapé *versus* notas do tradutor), e a alternativa tomada foi mesclá-las. Como não houve uma grande necessidade de muitas notas, essas acabaram por se integrar às notas de rodapé. Optamos por esse caminho, para que a tradução não fosse demasiado exaustiva, cuja leitura conduzisse ao deslocamento constante da atenção do leitor, entre as notas de rodapé e as notas do tradutor no final do trabalho.

Por notas do tradutor entende-se como o paratexto necessário para que esses profissionais muitas vezes reafirmem, reforcem uma ideia geralmente ligada ao autor do texto. É fato que as notas de tradução ou notas do tradutor são espaços privilegiados de discurso do profissional que permite a investigação de fatores que podem ser subjacentes ao texto da tradução e que, sem elas, o leitor se encontrará na escuridão. Denominada como uma estratégia tão cômoda ao tradutor e tão incômoda ao leitor é difícil ter a certeza sobre a autonomia que deve ter os paratextos de uma obra.

Paratexto não são somente as notas de tradução. São também os títulos, ilustrações, sumários, postulados ou expressões que complementam o conteúdo principal de um texto, como os subtítulos, prólogos, dedicatórias, índices e outros enunciados. Paratextos

não são somente informações sobre a obra, mais ainda os enunciados que o autor ou tradutor consideram serem relevantes para a compreensão, localização do leitor, não situados necessariamente dentro do texto. A princípio, a tradução de paratextos parece ser pouco irrelevante. Entretanto, na realização de nosso trabalho, constatamos que são, sim, recursos de grande importância. Por exemplo, um leitor muitas vezes determina se virá a ler ou não um texto, ou um capítulo, pelo seu título. Segundo Bastianetto (2005, pág. 56.):

Os elementos paratextuais são significados para uma boa inteligibilidade, pois eles têm a relevância na constituição do significado. De fato, neles residem pistas de leitura que geram previsões e expectativas.

Analisando as colocações e a importância que tem os paratextos em uma obra, podemos classificá-la como essencial, assim como afirma Genette (2009, pág 17):

Essencial, porque, ao que tudo indica e salvo exceções pontuais que encontraremos aqui e ali, o paratexto, sob todas as suas formas, é um discurso fundamentalmente heterônomo, auxiliar, a serviço de outra coisa que contribui sua razão de ser: o texto.

Gérard Genette (*op.cit*), afirma ainda que o paratexto é um texto paralelamente a algo, que mantém uma relação direta, porém, sem dependência. Segundo ele, podemos constatar tal definição a partir de sua origem cronológica, na qual o prefixo “para” indica ao lado de, designando ideia de tempo ao “texto”. Como demonstra o autor (pág. 12) o paratexto é uma “mensagem materializada”, relacionado ao próprio texto, tendo uma ligação direta com o leitor e nos mostrando a imprescindível necessidade de sua tradução.

No nosso caso específico, além de nos deparar com a questão dos paratextos, encontramos ainda uma dificuldade significativa no manuseio do paralinguístico espanhol/português pela proximidade das línguas em uso. É sobre esse assunto que trataremos a seguir.

2.6. TRADUÇÃO: CONTATO DE LÍNGUAS

Pode-se dizer que há um contato entre línguas quando duas ou mais línguas são empregadas por uma mesma pessoa, assim como a tradução é. Segundo Weinreich (1979), quando há contato entre línguas é possível haver desvios, consequência da prática do uso de uma língua ser maior do que da outra. Assim, a tradução talvez seja a única área que opera diferentes línguas, culturas, momentos históricos, entre outros aspectos, gerando interesses em diversos campos do saber. A influência da língua traduzida sobre a língua para a qual se traduz pode ser identificado em alguns casos que constituem falhas da tradução.

Para George Mounin (1975) a tradução, sem discussão, é um lugar de um contato entre duas ou mais línguas. Exatamente pelo fato do tradutor se caracterizar como bilíngue, talvez tenha sido gerada uma crença que persiste até os dias atuais, de que qualquer bilíngue está habilitado para a tradução. Segundo o senso comum a tradução, erroneamente, é um fenômeno meramente linguístico e só é importante quando se dá contemplando línguas distantes, ou seja, línguas completamente diferentes.

Ao desmistificar as primeiras impressões da tradução percebemos que ela não é meramente um processo interlingual, mas também um processo intercultural. Assim, não podemos afirmar que um bilíngue necessariamente será um tradutor, já que se um bilíngue não conhecer a cultura e todo o contexto que envolve aquela língua se tornará difícil passar a mensagem.

Desmistificando essa ideia, temos por exemplo a nossa tradução, que trouxe consigo a necessidade da reflexão e da pesquisa, por conter questões sintáticas e a própria proximidade entre o espanhol e o português. Como o contato do tradutor é contínuo em ambas as línguas e também com a existência ampla de falsos cognatos, vimos que em determinado momento alguns elementos na tradução passam despercebidos, causando estranheza aos olhos mais treinados. Por esse motivo, uma revisão minuciosa é fundamental.

Percebemos que a proximidade linguística e a possível facilidade que tem um hispano-falante em ler e entender determinado texto em português gera a desnecessidade de um estudo disciplinado dessas duas línguas. Porém, acreditamos que ainda assim há riscos. Segundo Martinet (1955) os tradutores sofrem resistência total às inferências de uma língua sobre a outra.

Acreditamos que a crença de similaridade entre no par linguístico em questão é real. Entretanto, a dificuldade e a necessidade de profissionais qualificados para a realização desses trabalhos não pode ser menosprezada. Não só na nossa tradução percebemos a dificuldade de abandonar certas influências, como também identificamos como são fáceis de encontrar os mesmos erros em traduções já editadas e publicadas.

3. RELATÓRIO DE DIFICULDADES NA OBRA DE CASANOVA

Pretendemos neste capítulo analisar e descrever as dificuldades encontradas na tradução da obra de Casanova e apresentar nossas soluções para alguns conflitos surgidos durante esse processo, constituindo assim esse breve relatório.

Vale lembrar que, talvez, o momento de maior dificuldade para o tradutor é aquele em que finalmente se vê obrigado a tomar uma decisão e, desse modo, finalizar seu trabalho depois de muitos pontos de interrogação e consequentes pesquisas. Infelizmente, ainda que essas decisões tenham sido cercadas dos cuidados devidos, nem sempre é possível garantir que o resultado será o mais conveniente e o mais aceito pelos seus futuros leitores e, em ocasiões especiais, até por nós mesmos.

Diante do exposto, por mais que essas decisões sejam intransferíveis, tivemos o cuidado de que todas elas fossem guiadas, não somente pela intuição, mas também pelas teorias sobre as quais discutimos no arcabouço teórico, e logicamente, além de termos tirado proveito ainda do texto traduzido, por se tratar de teorias da tradução que, de certa maneira, nos auxiliou. Assim, Não poderíamos deixar de mencionar que essa intuição a que nos referimos representa, na verdade, um conjunto de saberes, estudos, reflexões, referências, práticas e discussões, desenvolvidas ao longo da graduação.

Imersos nessa grande teia que orienta o tradutor, é preciso esclarecer que no nosso trabalho, as notas presentes no texto, trouxeram bastante dificuldade. A grande quantidade de notas de rodapé sejam elas explicativas, nas quais o autor amplia e detalha determinados conceitos, ou notas de referência, nas quais o autor situa a origem de uma citação, foram, sem dúvida, um dos aspectos mais trabalhosos no processo tradutório. Isso porque, a própria estrutura de um texto nesses moldes obrigará o leitor a se desprender da leitura principal, analisar a citação e voltar ao texto novamente. Reconhecemos que uma leitura assim exige uma atenção infinitamente maior, sob-risco de que haja uma perda ou alguma confusão quanto a um dado importante ou outro. Além disso, há que se considerar a questão da linguagem que seria utilizada na tradução das notas. Nesse quesito preferimos manter as citações e também seu aspecto direto e objetivo.

Outro impasse, vinculado à grande quantidade de notas de rodapés, foram os usos de abreviações encontradas no original, que nos trouxe a dúvida se suas colocações permaneceriam as mesmas tanto no português como no espanhol. Esse questionamento foi

solucionado com uma breve pesquisa. Por exemplo, a sigla *Op. cit.*, cujo significado é: obra citada/da obra citada, permaneceu igualmente no texto traduzido, assim como, *Ibidem* (no mesmo lugar), que também pode ser traduzido como *Ibid, et al* (e outros). Por fim, percebemos que como as expressões são apócopas das expressões em latim, geralmente as siglas permanecem iguais em ambas às línguas, e seus usos são iguais tanto na língua portuguesa quanto na língua espanhola.

Além dessas dificuldades expostas acima, outro aspecto que é preciso citar foi a questão das fontes nas letras utilizadas. No texto original, o autor faz uso de fonte itálica para destacar algumas palavras em seu interior. Aqui, na nossa tradução, empregamos as aspas em vez do itálico, visto que elas possuem a mesma função que a desejada pelo autor e não seria adequado permanecer com o itálico, pois geralmente em traduções elas significam usos de frases em línguas estrangeiras. Já o uso de chevron (« ; »), constantemente empregado no texto original, também foram substituídos pelas aspas, por terem a mesma função: usadas na representação de nomes, obras e às vezes antes e depois de citações ou transcrições textuais. Outro motivo que nos levou a sua troca foi porque o uso de chevron na língua portuguesa já caiu em desuso, diferentemente dos travessões, também bastante empregado no texto, que foram mantidos, isso porque, mantendo-os preservaríamos a essência do original.

Além da pontuação, a estética do texto também foi modificada. Aqui adaptamos sua apresentação às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), por se tratar de um trabalho acadêmico brasileiro. Por exemplo, nas citações feitas por Casanova, há uma apresentação diferente à utilizada no Brasil, pois segue as normas dos trabalhos acadêmicos de seu país. Analisando esses impasses vimos a necessidade de trazer para o ambiente brasileiro, além da questão linguística, o uso e colocações das citações de acordo com da ABNT, indicadas aos trabalhos acadêmicos brasileiros, cujas citações diretas, com mais de três linhas, recomenda-se que estas devem ser transcritas em um só bloco, com recuo de quatro centímetros à esquerda, fonte tamanho 10, sem utilizar aspas e usando espaçamento simples entre as linhas.

Mais um aspecto que merece destaque no processo tradutório é a domesticação (VENUTI, 2002), fenômeno inevitável diante da necessidade de adequação do texto a uma nova conjuntura de elementos presentes para o público-alvo. O objetivo de adequação na tradução, aqui, é uma característica imprescindível, já que nossa tradução vislumbra um público diferente ao do texto original, pelo menos no que se refere à língua. O texto

trabalhado indica ser escrito para o público espanhol, já a tradução é voltada para o público brasileiro. Portanto sua contextualização é necessária. Desse modo, mudamos o referencial e adequamos sua colocação. Nas passagens onde o referente é o “nosso idioma”, traduzimos como “o idioma espanhol”. Como vemos a seguir:

[...]El empeño, en este orden de cosas, es más que notable desde la segunda mitad del siglo XVIII en nuestra lengua...

[...]O empenho, nesta ordem, é mais que notável desde a segunda metade do século XVIII na língua espanhola...

Outro ponto que não podemos deixar de mencionar e que teve grande repercussão na tradução influenciando-nos significativamente durante o processo, foi a nossa preocupação em inserir outras notas por nossa própria conta, que julgamos necessárias. A presença de expressões em latim, assim como a palavra *retorromana*, nos levou a optar pelo seu esclarecimento por meio de notas de rodapé, que a nosso ver também seria necessário. Tendo em vista o volumoso número de notas já existentes nos limitamos a proceder dessa maneira apenas nesses casos. Vejamos os exemplos que citamos abaixo:

- ***Captatio benevolentiar:***

En esta obligada y retórica captatio benevolentiae, su autor debe establecer, y así pasa a hacerlo, los límites de su tarea. Escribir una completa Historia de la Traducción, aunque ésta se ciña al ámbito de la lengua española, es más una empresa faraónica que una labor que pueda despacharse en unos pocos cientos de páginas.

Para realizar esta erudita e retórica “captatio benevolentiae”, o autor deve estabelecer os limites de sua tarefa. Escrever uma completa “História da Tradução”, ainda que seja no âmbito da língua espanhola, é mais um trabalho faraônico para que possa ser escrito em poucas cem páginas.

O trecho acima apresenta uma expressão idiomática (com a presença de elementos arcaicos) cujo significado envolve uma sequência de pensamentos. Portanto, acreditamos que a melhor estratégia seria manter sua colocação em latim trazendo como notas do tradutor sua significação: conquista da benevolência. Contudo, percebemos que somente sua explicação literal poderia não satisfazer o leitor e sim causar estranhamento e gerar dúvidas. A partir de uma pesquisa mais avançada contextualizamos a expressão latina que é basatante difundida em todas as literaturas românicas quando um escritor quer ganhar a simpatia do leitor, no sentido de receber louvor e solidariedade para a causa que está sendo defendida.

- ***Mutatis mutandis***

[...]La historia de la traducción se bifurca así en dos caminos paralelos. En primer lugar, se elucida una Poética histórica de la traducción: el itinerario de su ética, sus presupuestos, sus criterios directivos. Pero no sólo hay que aprehender las traducciones históricamente. Es aún más importante, mutatis mutandis, integrarlas en la historia de la literatura [...]

[...]Assim a história da tradução se bifurca em dois caminhos paralelos. Em primeiro lugar, explicando uma Poética Histórica da Tradução: o itinerário de sua ética, seus pressupostos, seus critérios diretivos. Porém, não se devem apreender somente as traduções historicamente. É ainda mais importante, integrá-las na história da literatura, mutatis mutandis [...]

O trecho acima apresenta a mesma estratégia do trecho anterior, a presença de uma expressão em latim (elemento arcaico), desconhecida da grande maioria. Por conseguinte, mantivemos a mesma colocação, contudo, neste caso, mais breve, haja vista que aqui somente sua explicação já seria suficiente ao leitor: expressão latina que significa mudando o que tem de ser mudado.

- ***Retorromano***

[...]Sus versiones del latín, portugués, italiano, retorromano, catalán, francés e inglés contribuyen una vasta bibliografía —y biografía— literaria por sí mismo...

[...] Suas versões do latim, português, italiano, romanche, catalão, francês e inglês constituem para uma vasta bibliografia — e biografia— literária, por si mesma...

Em análise, a palavra destacada no trecho acima não se trata de uma expressão em latim, como as anteriores, mas a estratégia, aqui tomada por nós foi similare às outras, tornar a compreensão mais acessível ao leitor a partir de sua significação nas notas de rodapé. Por se tratar de um termo desconhecido por nós e que gerou uma pesquisa para seu conhecimento, acreditamos ser necessária uma especificação do seu significado, haja vista que a nossa intenção é produzir um trabalho de fácil compreensão que divulgue os estudos tradutórios.

Portanto, a partir de uma breve pesquisa, segundo o site (<http://www.wordreference.com/definicion>) e em outras fontes sobre as línguas, traduzimos a palavra como “romanche”, usada no Brasil, e a definimos como: A língua romanche, também chamada de reto-romanche ou rético, é uma das quatro línguas nacionais da Suíça, as outras três são a língua alemã, a língua italiana e a língua francesa, com seu devido esclarecimento nas notas de rodapé.

Além das notas de rodapé, dos acréscimos de notas, outro obstáculo que merece destaque na tradução foi o uso de algumas expressões ou termos utilizados pelo autor, que nos levaram a reflexões exaustivas e criativas na intenção de permanecer com o mesmo sentido original. Diante desse fato, comentamos a seguir algumas ações e estratégias adotadas:

- ***Peligroso viaje sobre dos caballos de desigual carrera:***

[...] Sostenía el ensayista mexicano Alfonso Reyes que la traducción es un «peligroso viaje sobre dos caballos de desigual carrera», realidad incontestable que puede explicar también por qué distintos traductores, en distintas lenguas y tiempos distintos se hayan planteado cuestiones semejantes.

[...] Declarava o ensaísta mexicano Alfonso Reyes que a tradução é uma “perigosa viagem sobre dois cavalos em corrida desigual”, realidade incontestável que pode explicar também por que diferentes tradutores, em distintas línguas e tempos diferentes vão projetando questões semelhantes.

No trecho apresentado acima percebemos que Casanova faz uso de uma metáfora em seu texto. No ato tradutório a dualidade apresentada foi na permanência ou não da tradução literal ou livre. Diante do exposto, decidimos que a melhor estratégia seria a permanência da metáfora na tradução assim como no texto original. Tomamos determinada estratégia, pois já é de praxe que alguns autores e teóricos da tradução façam uso de metáforas para explicar a difícil tarefa de definir a atividade tradutória. Podemos citar como exemplo Benjamin (2001) que simboliza a tradução como “cacos de um vaso”, ou mesmo a relação feita por Cervantes (1981; apud Paulo Rónai) onde a tradução “seria o avesso de uma tapeçaria”. Portanto, nossa estratégia foi manter e divulgar mais uma metáfora relacionada à tradução, assim como tantas outras já divulgadas, a partir de uma tradução “fiel” ao original, como pode ser visto no trecho apresentado, ou mesmo no exemplo a seguir, também presente

no trabalho de Casanova, remetendo-nos novamente à importância da permanência da metáfora usada no texto original, vejamos:

- ***La piedra que una y otra vez empuja Sísifo ladera arriba***

En esta espiral del razonamiento, cual si se tratase de la piedra que una y otra vez empuja a Sísifo ladera arriba, está implícita la idea de que la traducción es síntoma de una carencia.

Nesta espiral de pensamentos, como se fosse a pedra que uma e outra vez empurra a Sísifo ladeira acima, está implícita a ideia de que a tradução é sintoma de uma carência.

- ***Saltar a la vista:***

[...] Salta a la vista, cuando nos detenemos a pensarlo...

[...] Torna-se visível, quando paramos para pensar...

O trecho em questão apresenta uma expressão cujo significado envolve a obviedade e clareza de determinado assunto. Dessa forma, a tradução dessa expressão que se viu mais adequada foi “torna-se visível”, visto que, a colocação de “obviamente” ou “certamente” poderia soar arrogante, além de não oferecer o mesmo sentido. Com um pouco mais de pesquisa, percebemos que se trata de uma construção previamente fixa e idiomática, o que nos daria ainda a possibilidade de traduzi-la por “saltar aos olhos”, que também é usado com frequência no português. Porém, não estando familiarizados com a expressão e mantendo a linha formal que havíamos adotado desde o início, preferimos manter a primeira solução encontrada.

- ***Hacer Hincapié:***

[...] Cabría hacer aquí especial hincapié en la antología de Santoyo...

[...] Caberia aqui dar uma especial ênfase na antologia de Santoyo...

Também nesse caso percebemos tratar-se de uma construção previamente fixa e idiomática. *Hacer hincapié*, em espanhol significa “teimosia”, “bater o pé”. A tradução literal, nesse trecho, transmitiria ao leitor uma leitura duvidosa. Pelo fato de sabermos que uma expressão idiomática somente pode ser entendida a partir da soma de seus elementos constitutivos, chegamos à conclusão de que seu correspondente em português “bater o pé”

não seria a solução mais elegante para um texto acadêmico. Por esse motivo, optamos pela utilização da combinação livre “dar uma especial ênfase”.

- **Somero recorrido:**

[...] Empecemos por un somero recorrido a través de las notas incluidas en algunos libros de los traducidos por Ángel Crespo...

[...] Começemos por uma vista panorâmica através das notas incluídas por Ángel Crespo em alguns dos livros traduzidos...

Nesse trecho tivemos dificuldade em encontrar uma solução que nos parecesse adequada para “somero recorrido”, haja vista que se trata de um tipo de “colocação” da língua espanhola. Desse modo, procuramos encontrar alguma combinação de termos que fosse recorrente no português para suprir tais necessidades e chegamos à “vista panorâmica” que, em português, significa ter a visão do todo, sem se deter em pequenos detalhes.

- **Girar el timón:**

[...] Cuando en cambio, gira el timón hacia el traductor y su texto traducido, encuentra razones para su tesis...

[...] Quando, por outro lado, mudamos o foco para o tradutor e seu texto traduzido, encontramos razões para sua tese...

A dificuldade em traduzir esse trecho foi pelo simples fato de que não poderíamos manter a tradução como “girando o leme”, pois mantendo o sentido figurado proposto pelo autor, acreditamos que poderia confundir o futuro leitor, além de soar fora de propósito. Assim, decidimos parafrasear de uma forma objetiva o que estava sendo escrito, substituindo por “mudar o foco”.

- **Nombre de pila:**

[...] no está ordenada de forma cronológica ni observando el orden alfabético de apellidos, sino el de los nombres de pila.

[...] não está organizada de forma cronológica, nem estruturada na ordem alfabética de sobrenome, mas por nome de batismo.

Primeiramente como desconhecíamos a expressão apresentada decidimos manter uma tradução literal, anotando tal dificuldade, para resgatá-la e solucioná-la mais adiante. Na revisão percebemos que ao optarmos pelo literal, como está no original prejudicaria a leitura, pois desconhecemos essa expressão no português. Com o auxílio de um nativo falante do

espanhol chegamos a uma tradução que nos pareceu mais simples e adequada: “nome de batismo”.

- ***Ideas decimonónicas***

[...]en estos casos, como apunta Santoyo, en realidad se glosan ideas decimonónicas alemanas...

[...]nestes casos, como mostra Santoyo, na realidade se glosam ideias alemãs antiquadas...

Podemos relatar que neste trecho a dificuldade foi na tradução da palavra “*decimonónicas*”. A partir de pesquisas realizadas, poderíamos definir o termo como “pertencente ao século XIX”. Insistindo um pouco mais na pesquisa e com ajuda do dicionário da Real Academia Española, vimos que a colocação também poderia referir-se a questões “antigas” e “fora de moda”, o que nos fez chegar à tradução visualizada acima.

- ***Saco sin fondo:***

[...]implica en unos casos un fatal determinismo y, en otros, un saco sin fondo de sobreentendidos o de temas apenas esbozados...

[...]implica em alguns casos um fatal determinismo e, em outros, ilimitadas suposições ou de temas apenas esboçados...

No exemplo exposto percebemos que a dificuldade encontrada foi na tradução da expressão “*saco sin fondo*”. A dúvida foi se a mesma expressão é utilizada na língua portuguesa e se sua utilização repassa o mesmo sentido tanto na língua espanhola como na língua portuguesa. Por fim, a partir de uma breve pesquisa percebemos que a expressão poderia ser traduzida como saco sem fundo, haja vista que, essa expressão no português remete a tudo aquilo que se gasta demasiadamente, e, se enquadraria perfeitamente na colocação feita pelo autor. Porém mantendo a coerência nas decisões de traduções escolhidas por nós, nas quais preferimos adotar combinações livres mais formais e colocações formais às em detrimento das figuradas, traduzimos o trecho em questão como “ilimitado”, visto que possui a mesma significação e se adequa perfeitamente na frase, como pode ser visto acima.

- **Talante:**

[...]Con talante distinto al de Ortega —a quien no disculpa la corta extensión de su texto, pues el del mexicano es más breve— y como si contestase a aquel (en realidad tiene presente muchos más textos que el del filósofo), afirma al comienzo de su ensayo: ...

[...]Diferentemente a Ortega — a quem não dispensa a pequena extensão de seu texto, pois o do mexicano é mais breve —, respondendo a aquele (na realidade possui muito mais textos que o do filólogo), afirma no começo de seu ensaio:...

Neste momento a dificuldade encontrou-se na substituição, ou não, da palavra “talante”, visto que, tal definição pode ser vista tanto na língua portuguesa como na espanhola. Porém, acreditando que não é cotidianamente usada na língua portuguesa do Brasil, e seu uso como no original poderia trazer futuras interpretações errôneas, preferimos substituí-la por um sinônimo como visto no exemplo acima.

- **Topoi:**

[...]Esta tríada conceptual irá repitiéndose, junto a otros topoi, tal y como denunciara Steiner...

[...] Esta tríade conceptual irá se repetindo, junto a outros assuntos, tal e como denunciou Steiner...

Acreditamos que a palavra em questão é arcaica, e pouco utilizada. Seguindo aqui um dos princípios de Dolet (1954), onde ele afirma que para uma boa tradução não se deve utilizar de palavras em desuso, entendemos que seria mais adequado utilizar em seu lugar a palavra “assunto”.

Caímos no mesmo impasse no trecho a seguir:

- **Trasunto:**

[...]el objetivo de que el traslado pase a formar parte de la literatura de llegada, así como el concepto de la traducción como trasunto, tal y como leemos en los Noventa poemas pessoanos...

[...] o objetivo de que o traslado passe a formar parte da literatura de chegada, assim como o conceito da tradução como “cópia do original”, tal e como lemos nos Noventa Poemas “pessoanos”...

A palavra “*trasunto*”, seguindo a definição da Real Academia Española é derivada do latim “*trassumptus*”, que significa “tomar de outro”. Não encontramos uma definição da palavra no dicionário Aurélio. Porém numa pesquisa mais avançada no dicionário online de português (<http://www.dicio.com.br/>), encontramos os seguintes significados: “cópia de um escrito”; “imagem”; “reflexo”; “exemplo” e “modelo”. Para melhor adequação de sua significação na frase traduzimos como “cópia do original”, como visto acima.

- **Primera fila literária:**

[...]Ya hemos visto el ejemplo de Luis Cernuda y su relación con la literatura en lengua inglesa; pero este campo no se agota con los nombres de primera fila literaria...

[...]Vimos o exemplo de Luis Cernuda e sua relação com a literatura na língua inglesa; mas este campo não se esgota com os primeiros nomes da literária...

Acreditamos que a frase em questão está escrita em um sentido figurado, referindo-se aos primeiros nomes da literatura, os melhores. Por esse motivo, preferimos manter essa ênfase nos nomes mais prestigiados da literatura, também num plano figurado, como se pode observar na tradução acima.

- **Barbechos:**

[...]Para este efecto, hizo traducir multitud grande de libro, que desde luego, salida apenas de su infancia, engrandecieron maravillosamente la lengua castellana, no sólo con los ornatos de las artes, pero, lo que es más, con abundancia de voces y frases científicas, que sirvieron como de barbechos para que en los tiempos más sabios se prestase sin violencia al cultivo de la sabiduría en toda su extensión...

[...]Para este efeito, traduziu vários livros, que desde cedo, saídos apenas de sua infância, engrandeceram maravilhosamente a língua castelhana, não somente com os ornatos das artes, mas, com a abundância de vozes e frases científicas que serviram como base fértil para que nos tempos mais sábios se prestasse sem violência ao cultivo da sabedoria em toda a sua extensão...

A dificuldade encontrada no trecho apresentado foi ao traduzir a palavra “barbechos”. Por ser uma palavra desconhecida por nós e por não encontrarmos uma

definição exata no português, nossa estratégia voltou-se a uma aproximação da definição encontrada no dicionário espanhol da Real Academia Española, onde a definição da palavra é: “*Tierra labrantía que no se siembra durante uno o más años*”. Seguindo essa ideia de “terra fértil” no campo da agricultura, traduzimos a palavra com tal intuito, como pode ser visto acima.

Por fim, a tradução do texto em questão, a princípio, apresentou algumas dificuldades como, por exemplo, o fato do estilo do autor em espanhol apresentar trechos extensos, muito densos e de difícil transposição para o português, muitas vezes, chegando às raias do tautológico. As mudanças decorrentes do próprio processo de decodificação e transferência de uma língua para outra, a nosso ver, são essencialmente necessárias para uma leitura fluente e compreensível. Por esse motivo nos vimos compelidos a operar algumas mudanças como se pode notar a seguir:

Aun cuando pueda tomarse como temeridad, este libro no pretende ser más que un borrador producto de los cientos de papeles y notas con los que cualquiera se pertrecha antes de entrar en un aula.

Este livro não pretende ser mais que rascunho dos vários papéis e notas que disponho antes de começar a dar aula.

Arrematemos que, quanto à compreensão do texto, de maneira geral, podemos nos arriscar a afirmar que não houve muitas dificuldades. Primeiramente porque é um texto que já conhecemos e segundo, porque os termos e temas apresentados por Casanova, assim como nomes de autores de obras, já fazem parte do nosso cotidiano, já que nos encontramos imersos diretamente nesse campo de estudo e conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de apresentar nossas considerações finais é preciso revisitar nossos objetivos e constatar se fomos capazes de cumpri-los. O presente projeto englobou a tradução para a língua portuguesa, no Brasil, da obra *Aproximación a una historia de la traducción en España* de José Francisco Ruiz Casanova. A escolha do texto não se deu apenas por questões pessoais, também se vislumbrava a possibilidade de trazer à língua portuguesa do Brasil, a publicação de um considerável aporte aos estudos da tradução sobre a análise dos acontecimentos da área, ocorridos especificamente na Espanha, a partir do ponto de vista de um espanhol. Tampouco podemos negar que o desafio de traduzir uma obra desse porte no par linguístico espanhol/português, nos instigou a aceitar esse desafio por se tratar de algo que interessa o par linguístico de ao nosso curso de formação.

Tendo como enfoque os primeiros e os últimos tópicos, em especial os tópicos do século XX, propusemos uma tradução com o intuito de divulgação da obra, cujo assunto abordado certamente é do interesse de pesquisadores e estudantes do ramo da tradução. Acreditamos ainda que escolhendo e tendo como foco os primeiros e os últimos tópicos do livro, em especial os eventos ocorridos no século XX, seria uma maneira de difundir os estudos de Casanova. Uma obra dessa natureza, em que o próprio autor compartilha com o leitor os resultados obtidos através de anos de experiências, repleta de referências bibliográficas, registros de obras e autores, contribui positivamente para a determinação de vários outros estudos e pensamentos.

Este trabalho nasceu da importância que é estudar a história da tradução e difundir um trabalho que se revela tão caro àqueles que se encontram em processo de formação, como futuros tradutores, ressaltando o seu florescimento durante os anos, com uma atenção especial voltada para a história da tradução na Espanha, envolvendo o par linguístico espanhol/português.

O objetivo primordial foi identificar problemas e dificuldades possíveis no exercício da atividade, utilizando das teorias da tradução existentes para trazer à luz correspondentes soluções, disposto no relatório. Além do relato, aqui, foram expostos alguns aspectos teóricos que assim como em qualquer área designa, especifica e ajuda nos caminhos

a serem seguidos, mostrando-nos que as abordagens teóricas são tão importantes que é incontestável a necessidade de se criar e manter uma história sobre elas.

Tendo como base as pesquisas realizadas, além da leitura minuciosa e exaustiva, culminando na tradução, objeto deste trabalho, concluímos que não há na tradutologia uma indicação concreta do caminho que o tradutor deve seguir: domesticando totalmente o texto, ou realizando uma tradução literal. Para chegar à conclusão da tradução deste projeto não seguimos nenhuma das características citadas, mas sim, a reescrita do original com vistas ao seu novo público, brasileiro, adotando quando necessário algumas destas características. Mediante a prática de tradução, e a partir dos ideais aqui defendidos, percebemos que em qualquer tradução o tradutor trabalha em uma tríplice relação: autor e sua língua de partida, leitor e sua língua de chegada e por último o próprio tradutor e, consigo seu idioleto. Sabendo dessas relações, de extrema importância, cujos elementos devem ser satisfeitos, procuramos construir nesse trabalho uma tradução assim como seria em português, um texto contemporâneo de Casanova.

O fato de havermos optado por um texto que versa sobre a sistematização dos eventos da tradução ocorridos na Espanha, julgamos nos encontrar, até certo ponto, numa zona confortável para executar o trabalho. Nessa perspectiva desenvolvê-lo acabou por nos levar à criação de uma metalinguagem em que os estudos da tradução eram o próprio objeto do traduzir. Nessa interação, foi-nos possível concentrar esforços num único assunto e ver *in loco* as dificuldades de uma tradução real a respeito das inquietações que permeiam as reflexões dos estudos dessa área.

Esperamos, assim, que nossos esforços tenham servido para contribuir, ainda que minimamente, na construção dos estudos históricos da tradução, uma vez que, a serviço da história está a tarefa de recuperação, restauração, leitura e crítica de recursos utilizados por épocas anteriores. E, mostrar a necessidade de explicar algo tão “novo” e que é ao mesmo tempo tão “antigo”, como a história, é consequência de uma perpetuação da velha ideia da circulação do saber, da continuidade do conhecimento.

Pretendemos que esse trabalho possa gerar curiosidade e ânimo a outros pesquisadores e tradutores no sentido de germinar e dar prosseguimento aos estudos referentes ao assunto.

Temos plena consciência de que este trabalho, apesar de contribuir de alguma forma para os estudos da tradução, não é suficiente. É necessário muito mais. É preciso que outros pesquisadores e tradutores se debrucem sobre outros contextos específicos para que, ao final, possamos contar com a história da tradução de outras regiões ainda não contempladas. Conseqüentemente, esse tipo de pesquisa poderia reunir os vários cacos do vaso quebrado da tradução, espalhados por vários cantos distantes no mundo.

Recorrer à história, aos antepassados, é um exercício muito útil, na medida em que o profissional da tradução se posiciona criando intimidade com um tema que é primordial para fundamentar seus argumentos e estratégias.

Por fim, consideramos que refletir sobre a história da tradução não é uma tarefa fácil. Antes, requer um cuidado na pesquisa de pequenos detalhes que nem sempre estão disponíveis. A experiência ativa ou passiva envolvendo a história da tradução contribui de alguma forma para que se tenha uma compreensão melhor da natureza profunda da tarefa do tradutor. Tudo isso nos leva a crer que os profissionais da área de tradução precisam participar de forma mais ativa na construção de sua história. Para tanto, é preciso respeitar tudo o que já se conquistou e envidar esforços para seguir explorando e apresentando novas possibilidades para que no futuro outros possam se beneficiar desses estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFARO, Carolina. **Os estudos descritivos da Tradução.** In: A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor de mestrado. Orientadora Maria Paula Frota, 2005.
- ARROJO, Rosemary. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise.** Rio de Janeiro, 1993.
- Bab.la. Disponível em: < <http://pt.bab.la/>>. Acesso em: 22 abril. 2014.
- BASSNETT, Susan. Prefácio à terceira edição. In: **Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina.** Tradução: Viviana Campos Figueiredo, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BASTIANETTO, Patriza Colina. **As funções do paratexto para a inteligibilidade da obra traduzida,** 2005. P53-59.
- BATTEUX, Charles. **Princípios da literatura.** In: Clássicos da Tradução, Volume 2, 2004. Tradução: Orlando Nunes de Amorim e Silvana Vieira da Silva Amorim.
- BERGMANN, Juliana Cristina Faggi, LISBOA, Maria Araújo Lisboa. **Teoria e prática da tradução,** Curitiba, 2008.
- BERMAN, Antoine, **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha românica: Herder, Goethe, Schelegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher Holderlin.** Tradução: Maria Emilia Pereira, Bauru, SP, 2002.
- BESSA, Cristiane Roscoe. **A tradução-substituição,** Brasília, 2010.
- DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os tradutores na história.** Tradução: Sérgio Barth. São Paulo. Editora Ática, 1998.
- DICIO. Dicionário de português Online . Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>> . Acesso em: 13 maio. 2014.
- DOLET, Etienne. **A maneira de bem traduzir de uma língua para outra.** In: Clássicos da Tradução, Volume 2, 2004. Tradução: Pierre Guisan.

DRAE. Real Academia Española. Diccionario de la lengua española. Disponível em: < <http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae> >. Acesso em: 15 março. 2014.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa. Experiências de Tradução.** Tradução: Eliana Aguiar, Rio de Janeiro, Record, 2007.

FURLAN, Mauri. **Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. Final da Idade Média e o Renascimento.** In Cadernos de Tradução nº XIII. Florianópolis: PGET, 2005. (p.09-25).

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais,** São Paulo. Ateliê Editorial, 2009. Tradução: Álvaro Falliros.

GARCÍA YEBRA, Valentín. *En torno a la traducción,* Madri, Ed. Gredos, 1983.

GARCÍA YEBRA, Valentín. *Traducción: historia y teoría,* Madri, Ed. Credos, 1994.

GENTZKER. Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução.** Tradução: Marcos Malvezzi, São Paulo, Madras, 2009.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y Traductología: introducción a la tradutologia.** Cátedra, 2001.

LIMA, T. **A tradução e sua história.** Universidade de Dalhousie, 2012. Revista Littens nº 10.

LYRA, R. **Explicar é preciso? Notas de tradutor: quando, como e onde,** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1998.

MARTINS, M; MILTON, J. **Contribuições para uma Histografia da tradução.** Tradução em Revista v.8 p.1-10, 2010.

MESCHONNIC, H. **Poética do traduzir.** Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich, São Paulo: Perspectiva, 2010.

MOLINER, María. Diccionario de uso del Español. Madrid: Gredos, 1998 (2ª ed.).

PINILLA, J. **Hierarquia Linguística e tradução entre línguas próximas.** Mundo eslavo: Revista de cultura y estudios eslavos. ISSN 1579-8372, nº 6, 20017. Pág. 201-219.

RUIZ CASANOVA, J. **Aproximación a una historia de la traducción en España.** Madrid: Cátedra, Madrid, 2000, 535 pp.

RUIZ CASANOVA, J. **De poesía y traducción.** Editora Cátedra. Madrid, 2005, 135pp.

RUIZ CASANOVA, J. **Dos cuestiones de literatura. Traducción y poesía. Exilio y traducción,** Editora Cátedra. Madrid, 2011, 304pp.

RUIZ CASANOVA, J. **Los comienzos de la historia de la traducción en España: Juan Antonio Pellicer y Saforcada, entre el humanismo áureo y el humanismo moderno,** Fundación Duques de Soria, julio 2009.

VENUTI, L. A autoria. In: **Escândalos da tradução: Por uma ética da diferença.** Tradução de Laureano Pelegrini, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Revisão técnica de Stella Tagnin. Bauru - SP., EDUSC, 2002., pp.67-150.

VENUTI, Lawrence. Invisibility. In: **Translator's invisibility: a history of translation.** New York: Routledge, 1995. p. 1- 42.

WordReference.com. Disponível em: < <http://www.wordreference.com/> >. Acesso em: 03 abril. 2013